



O uso do *futuro* em Helvécia e em Cinzento: um estudo do português rural afro-brasileiro

The use of the future in Helvécia and Cinzento: a study in the rural afro-brazilian Portuguese

Deijair Ferreira Silva*
Universidade do Estado da Bahia
Conceição do Coité, Bahia, Brasil

Resumo: O artigo apresenta os resultados de um estudo variacionista das formas variantes da expressão de futuro em duas comunidades negras, focalizando a análise na forma perifrástica e na forma do presente (com ou sem advérbio), do sistema verbal do português rural afro-brasileiro. Para isso, foram analisadas amostras de fala (que exprimem futuramente) dos moradores de Helvécia e de Cinzento, comunidades de fala rurais, pertencentes, respectivamente, aos municípios de Nova Viçosa e de Planalto/BA. Nesses dialetos, observa-se o uso das construções perifrásticas, seguido do uso do presente para expressar o evento futuro (respectivamente, *eu vou trabalhar amanhã* e *eu trabalho amanhã*), além de outras estratégias, em detrimento da forma flexionada simples (*eu trabalharei amanhã*). As variações foram observadas por meio de um recorte sincrônico, tendo sido adotada a metodologia de análise linguística do modelo laboviano da Sociolinguística Quantitativa (1972, 1982, 1994). Quanto à variação entre perífrase e presente, os três principais fatores selecionados pelo programa VARBRUL, como mais significativos, foram os tipos semântico e sintático do verbo e o tipo de oração. Além disso, verificou-se que a perífrase é a variante *default*, por ser encontrada com mais frequência nos *corpora*. É a estratégia observada na grande maioria dos contextos apresentados nos grupos de fatores selecionados, embora a diferença para o presente não seja muito distante. Acrescentou-se à análise o fator *idade*, relevante para entender a questão da “Transmissão Linguística Irregular”, revelando que a perífrase é empregada pelos mais jovens, enquanto os mais velhos preferem o presente.

Palavras-chave: Futuro. Perífrase. Sociolinguística. Português rural afro-brasileiro.

Abstract: This paper presents the results of a variation study on variable forms of future expression in two afro-descendent communities, focusing the analysis on the periphrastic form and the present form (with or without adverb) of the verbal system in the rural afro-brazilian Portuguese. For this purpose, speech samples (that express the sense of future) of the inhabitants of the communities of Helvécia and Cinzento were analyzed. These communities belong respectively to the municipalities of Nova Viçosa and Planalto, State of Bahia. The utterances of periphrastic constructions are observed in these dialects, following the use of the present to express the future event (respectively ‘I am going to work tomorrow...’ = *eu vou trabalhar amanhã* e *eu trabalho amanhã*), besides others strategies instead of the inflected simple form (‘I will work tomorrow...’ = *eu trabalharei amanhã*). The mentioned variations were observed through a synchronic focus, with the use of the labovian Quantitative Sociolinguistic model (1972, 1982, 1994). About variation between the periphrasis and the present, the three main factors selected by the VARBRUL program, as more meaningful, were the semantic and syntactical types of the verb and the type of clause. In addition we verified that the periphrasis is a variant default often found in the corpora. This is the strategy observed in the most part of the presented contexts in the groups of selected factors, though the difference to the present it is not considerable. It was included the factor of the age, important to make the Irregular Linguistic Transmission understood. This has revealed that periphrasis is used by young people, while the older people prefers the present.

Keywords: Future. Periphrase. Sociolinguistic. Rural afro-brazilian Portuguese.

* Mestre em Letras e Linguística, professor da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: brdeja@yahoo.es.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados da análise de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que foram testados na Dissertação de Mestrado de Silva (2003), intitulada **O futuro em Helvécia e em Cinzento: um estudo do uso das formas perifrástica e simples, no português rural afro-brasileiro**. Desse modo, a pesquisa se inseriu na discussão da variação linguística do sistema verbal do português, no dialeto rural afro-brasileiro, tendo como objetivo apresentar um estudo das formas variantes da expressão de futuridade: a forma sintética (futuro do presente) e suas correspondentes - a forma perifrástica “*ir* + infinitivo” e a forma do presente (com ou sem advérbio).

Sabe-se que muitos dos estudos variacionistas, desenvolvidos no Brasil, têm como objeto os dialetos urbanos. Apesar de poucos, os trabalhos sobre o português rural brasileiro¹ têm revelado fatos importantes para o conhecimento dos dialetos brasileiros em geral. Este estudo contribui para o entendimento da realidade linguística tão diversificada do português falado do Brasil, assim como fornece elementos para o conhecimento dos processos históricos da constituição do português brasileiro.

Além disso, apresenta características das estruturas gramaticais de dialetos rurais em comunidades negras, visto que os informantes/moradores de Helvécia e de Cinzento são descendentes de escravos². Inicialmente, será mostrado o direcionamento linguístico adotado que levou Silva (2003) a formular contextos/questionamentos que nortearam as discussões sobre a temática investigada, inclusive elaborando situações hipotéticas que solucionariam as inquietações observadas. Em seguida, serão abordadas as fundamentações concernentes à temática, assim como as teorias que serviram de sustentação para a explicação do fenômeno linguístico, seguidas dos procedimentos metodológicos. Por fim, serão mostrados os resultados obtidos com a pesquisa, tanto no que se refere à análise dos grupos de fatores selecionados como às conclusões das análises dos dados.

2 A PROBLEMATIZAÇÃO

Trata-se de um fenômeno de variação linguística em português brasileiro o fato de os falantes se expressarem de maneiras diferentes para se referirem ao evento futuro, entre outras, pelo futuro do presente, pela forma do presente do indicativo e pela forma perifrástica. O que seria analisado, então, é se os dialetos rurais se comportariam de forma diferenciada frente ao fenômeno apontado.

Para isso, foram formuladas as seguintes perguntas que direcionaram o trabalho:

¹ (cf. AMARAL, 1920; MARROQUIM, 1934; MELO, 1946; VEADO, 1982; BAXTER e LUCCHESI, 1997; QUEIROZ, 1998; LUCCHESI, 1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000 e 2001; SILVA, 2003).

² As comunidades situam-se na mesorregião do sul do Estado da Bahia. Helvécia pertence ao município de Nova Viçosa, na microrregião de Porto Seguro; e Cinzento é um pequeno povoado do município de Planalto. Tais comunidades foram povoadas e se mantêm formadas por negros.

- a. os dialetos rurais fazem uso da forma sintética do futuro, da forma perifrástica ou da forma do presente (com ou sem advérbio) para marcar futuridade?
- b. qual das formas verbais é mais frequente no português rural para marcar futuridade: o futuro sintético, o futuro perifrástico ou a forma do presente?
- c. há diferenças semânticas na realização de uma ou outra forma?
- d. há contextos que possam mostrar a preferência de uma forma pela outra?

Diante de tais questionamentos, foram consideradas duas hipóteses para explicar o processo de variação observado. A primeira é a da perspectiva histórica da *deriva*, para tentar explicar a origem da variação, a partir da evolução interna e histórica da língua (cf. SAPIR, 1954)³. A segunda é a do processo de Transmissão Linguística Irregular⁴ (doravante TLI) que leva em consideração os fatores sócio-históricos na constituição das comunidades (cf. BAXTER e LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 1998, 1999a, 1999b, 2000 e 2001).

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO

Esse princípio tem como objeto de estudo a *variação*. É um modelo teórico-metodológico de análise linguística com a proposta de adicionar um componente social ao estudo linguístico. Também chamada de “Teoria da Variação Linguística” ou “Sociolinguística Quantitativa” (cf. LABOV, 1972, 1982, 1994). Seu objetivo principal é sistematizar a variação e a heterogeneidade linguísticas e dar, aos dados, tratamento numérico e estatístico, possibilitando a verificação da frequência de aplicação de uma regra e a influência dos fatores internos e externos à língua. O princípio da teoria variacionista é mostrar que a variação linguística não é aleatória, mas sim condicionada por fatores linguísticos e sociais. Pode-se finalizar, portanto, afirmando que o modelo laboviano possui as seguintes características: (a) estuda a relação entre língua e sociedade; (b) reconhece a heterogeneidade da língua; (c) trabalha com elementos em constante mudança, que sofrem influência de espécie variada, como a classe social, o sexo, o grau de escolaridade e outros; e (d) trata dos fatos da língua como fenômenos em variação.

³ Sapir (1954, p. 148) justifica as variações e mudanças na língua provenientes de alterações já detectadas desde tempos remotos de uma fonte comum. Então, por causa dessas diferenças individuais, a língua se move através do tempo, num curso que lhe é próprio, ou seja, a língua tem uma deriva secular como produto histórico que é.

⁴ A TLI “designa os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos. Tais processos podem conduzir à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua pidgin ou crioula, ou à simples formação de uma nova variedade histórica de língua que predomina na situação de contato.” (LUCCHESI, 2000, p. 99).

4 A EXPRESSÃO DO TEMPO *FUTURO*

Silva (2003, p. 16-21) apresenta as origens das formas de futuro, tomando como embasamento teórico as ideias contidas em Bybee e Dahl (1989, p. 58) quando explicam, numa tabela, as principais fontes lexicais das quais surgiram as formas de futuro, bem como as categorias semânticas⁵ que abarcam essas fontes.

Bybee e Dahl (1989) propõem a seguinte divisão⁶ das fontes lexicais para as formas de futuro:

- a. aquelas que tiveram origem de *desire* (desejo), tendo como categoria semântica a intenção;
- b. aquelas que tiveram origem de *movement towards goal* (movimento em direção a um alvo), tendo também como categoria semântica a intenção;
- c. aquelas que tiveram origem de *have/be* + infinitivo (ter/ser + infinitivo)⁷, cuja categoria semântica é a obrigação

Na verdade, a categoria semântica “intenção” abrange toda uma gama de marcações. Pode refletir necessidades externas ou internas, desejos externos ou internos, vontades e também obrigação.

A ideia geral demonstrada em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 280) é a que a intenção é uma das funções centrais nas formas de futuro. A outra função central é a predição. Segundo os autores (*cf.* p. 256), a predição se origina da intenção. Essa função pode ser definida como aquilo que se diz no momento presente o que ainda vai acontecer, ou seja, dizer algo que vai ocorrer é predizer. Os autores ainda dizem que a predição é tipo um estágio superior final que abrange a intenção. Portanto, como a marcação de intenção resulta numa marcação de futuridade, o que vai nos interessar, daqui em diante, são as concepções da categoria semântica “intenção”.

4.1 AS FORMAS DE REALIZAÇÃO DO FUTURO

Segundo Cunha (1986, p. 424-30), o tempo futuro, no sistema verbal do português (contemporâneo), pode ser expresso por:

- a. formas simples
 - futuro do presente (*Direi* tudo, depois que os participantes chegarem)
 - futuro do pretérito (*Diria* tudo, depois que os participantes chegassem)
 - futuro do modo subjuntivo (*Direi* tudo, quando os participantes *chegarem*)

⁵ Os autores denominam de categoria gramatical o que estamos chamando de categoria semântica.

⁶ Os Autores tomam, como base para tal divisão, a investigação feita por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994).

⁷ Os futuros oriundos principalmente dessas fontes são chamados, pelos autores, de “futuros primários”.

b. formas compostas⁸

- pelo futuro do presente composto (Quando os participantes chegarem, já *terei dito* tudo)
- pelo futuro do pretérito composto (Se os participantes chegassem, eu *teria dito* tudo)
- pelo futuro do subjuntivo composto (Só descansarei, depois que *tiver dito* tudo)

Além dessas, a língua portuguesa se refere ao futuro, por meio de outras estratégias, como as **formas perifrásticas** e uma outra forma verbal – **o presente** – com valor de futuro do presente (cf. CUNHA, 1986, p. 430-1, 439-40). Eis:

- a. as formas perifrásticas para representar o futuro do presente, como a perífrase formada de *ir* + infinitivo, em “eu *vou cantar* no baile”⁹ e/ou por outras construções perifrásticas que também envolvem valores temporais, modais e/ou aspectuais, em “eu *tenho que trabalhar* amanhã”¹⁰ e em “eu *continuo trabalhando* amanhã”¹¹;
- b. o presente do indicativo para representar o futuro do presente, em “eu *trabalho* amanhã”

A pesquisa desenvolvida por Silva (2003) analisou as formas de realização do futuro do presente, ou seja, as formas empregadas, de um modo bem geral, para indicar tantos fatos certos como prováveis, posteriores ao momento em que se fala. Nos *corpora*, foram analisadas as formas que seguem como estratégias de futuridade:

- a. **sintética**, representada pelo futuro do presente, em construções do tipo “João *cantará* no baile”;
- b. **perifrástica**, representada pela perífrase verbal “*ir* + infinitivo”, do tipo “João *vai cantar* no baile”. Esta foi tida como a forma marcada (“inovadora”), adquirida por influência externa;
- c. **presente com valor de futuro (com ou sem advérbio)**, como em “João *canta* amanhã no baile”, tida como a forma não-marcada, mais antiga e mais crioulizante.

Das categorias semânticas observadas em Bybee e Dahl (1989) e em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e das formas possíveis de futuro vistas, a pesquisa analisou a forma

⁸ Por formas compostas, são considerados especificamente os tempos compostos formados com o auxiliar *ter*, *haver* e *ser* + verbo principal na forma do particípio.

⁹ Valor de futuro do presente.

¹⁰ Valor modal de obrigação.

¹¹ Valor aspectual durativo.

perifrástica constituída de *ir* + infinitivo e a forma do presente, marcadoras de futuridade que estão enquadradas na categoria semântica de predição, de uma intenção a se realizar.

4.2 O FUTURO E A EXTENSÃO DA SUA SIGNIFICAÇÃO PARA O PRESENTE E PARA AS PERÍFRASES VERBAIS

4.2.1 O presente com valor de futuro do presente

O tempo presente tem um valor básico: que é o de expressar a ação no momento da fala. Porém, associado a qualquer adjunto de tempo (“*amanhã* eu estudo isso”¹²) ou expressão equivalente que marque futuridade, exprime um valor que dá ideia de futuro: a ação ainda vai acontecer. Sendo assim, pode-se considerar o presente como polissêmico na presença do adjunto ou de qualquer termo equivalente. E expressões equivalentes, como as construções com orações matrizes vinculadas a orações subordinadas, principalmente condicionais e temporais (“se me derem todo o material, eu *faço* o serviço” e “quando meu pai chegar, eu *almoço*”¹³).

Para se verificar o uso do tempo presente com valor de futuro do presente no latim, cf. Câmara Jr. (1979) e Maurer Jr. (1962); no português arcaico, cf. Mattos e Silva (1989); no português moderno, confirmam também Ilari (2001) e Duarte (1992); e, no português popular do Brasil, Amaral (1920) e Marroquim (1934).

Diante das análises procedentes desses autores, observou-se que o presente do indicativo alterna com o futuro sintético e o futuro perifrástico, permanecendo estável desde a origem do português.

4.2.2 A perífrase verbal “*ir* + infinitivo” expressando futuridade

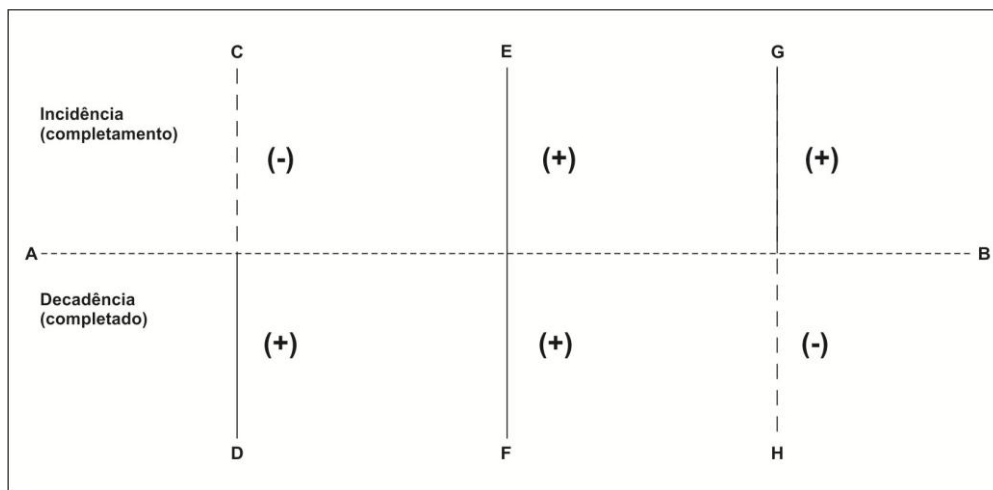
De maneira bastante geral, as perífrases verbais são formas analíticas da língua que resultam de um conjunto de constituintes verbais dotados de valores temporais, modais e aspectuais, tendo, na sua composição, um verbo auxiliar flexionado e um verbo principal em uma das formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio). Essa sequência de palavras representa um todo significativo, com unidade semântica, sintática e funcional, que exprime pensamentos, determinam ações, demonstram anseios, desejos, obrigações, necessidades, em oposição às formas sintéticas – que reúnem numa só palavra o que se quer expressar (cf. BARROSO, 1994, p. 70-3).

Na investigação realizada por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), confirmou-se que a fonte lexical que mais aparece, em setenta línguas humanas pesquisadas, são as construções que envolvem verbo de movimento. E, além de outros verbos e expressões, é citada a forma verbal *ir* como exemplo de fonte lexical significando ‘movimento em direção a um

¹² Cf. p. 31 da Dissertação.

¹³ Cf. p. 31 da Dissertação.

alvo', portanto expressa futuridade e marcação de intenção. O esquema¹⁴ (abaixo), montado por Guillaume (*apud* ALMEIDA, 1980, p. 17-8), mostra a leitura semântica da forma nominal do infinitivo e a sua consequente relação com o verbo *ir* para expressar o evento futuro.



A – B (horizontal): Linha representativa do tempo

C – D (vertical): Linha do *particípio*

E – F (vertical): Linha do *gerúndio*

G – H (vertical): Linha do *infinitivo*

Nesse esquema, a forma nominal do infinitivo revela um processo observado na incidência, com a ação a se completar. Ou seja, o *infinitivo* tem valor prospectivo que permite determinar com mais precisão as noções aspectuais, modais e temporais da perífrase, quando vem junto a auxiliares. O propósito, aqui, é se utilizar dessas informações para mostrar que, no português contemporâneo, em particular, e em outras línguas, a perífrase “*ir* + infinitivo” marca futuridade, tendo valor aspectual de intenção a se realizar.

Desse modo, é fato consumado na literatura linguística que essa estratégia expressa futuridade. As opiniões são bem convergentes, tanto em relação ao português como em outras línguas. As considerações de gramáticos e linguistas reforçam o que foi exposto. Citam-se, entre outros, Ali (1964), Cunha (1986), Teyssier (1989), Mattos e Silva (1989 e 1993), Barroso (1994) e Poplack e Turpin (1999). Desses, Cunha (1986) e Teyssier (1989) deixam mais claro que “*ir* + infinitivo”, tanto no português como no francês, exprime um futuro iminente, ou seja, que a ação vai ser realizada num futuro próximo, imediato.

¹⁴ Cf. p. 40 da Dissertação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CORPORA

O *corpus* da comunidade de fala de Helvécia¹⁵ foi gentilmente cedido por Dante Lucchesi, que o constituiu, juntamente com Alan Baxter¹⁶. O *corpus* de Cinzento foi organizado por Silva (2003)¹⁷.

A seguir, apresentam-se os Quadros 4 e 5¹⁸ (cf. SILVA, 2003, p. 69): um referente ao *corpus* de Helvécia e o outro, ao de Cinzento.

Corpus-base: 12 inquéritos		
FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
Inf. 1: M - 29a - A - N	Inf. 7: M - 42a - A - V	Inf. 13: M - 85a - A - N
Inf. 2: H - 28a - S - V	Inf. 8: H - 44a - S - N	Inf. 19: M - 103a - A - V
Inf. 3: M - 35a - S - V	Inf. 9: M - 54a - A - N	Inf. 20: H - 70a - A - V
Inf. 4: H - 30a - S - N	Inf. 10: H - 50a - S - N	Inf. 22: H - 80a - A - N

Quadro 4: Descrição do *corpus* de Helvécia¹⁹

Corpus-base: 12 inquéritos		
FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
Inf. 1: H - 34a - S - V	Inf. 3: H - 48a - S - V	Inf. 6: H - 82a - A - N
Inf. 2: H - 39a - S - V	Inf. 4: H - 50a - S - N	Inf. 5: H - 64a - S - V
Inf. 7: M - 20a - S - V	Inf. 9: M - 50a - A - V	Inf. 11: M - 107a - A - V
Inf. 8: M - 28a - S - V	Inf. 10: M - 48a - A - V	Inf. 12: M - 63a - A - V

Quadro 5: Descrição do *corpus* de Cinzento

¹⁵ Esse *corpus* foi constituído (e definido em 1994) para contemplar objetivos do projeto “Vestígios de dialetos crioulos de base portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas”, hoje integrado ao projeto “Vertentes do português rural da região da Bahia e Sergipe”.

¹⁶ Dante Lucchesi é Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil; coordena o Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia (www.vertentes.ufba.br); foi co-orientador da Dissertação de Mestrado de Silva (2003). Alan Baxter: é Professor da Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Brasil.

¹⁷ Também para atender aos propósitos do projeto citado. O banco de dados formado por este Autor foi usado na sua dissertação de mestrado intitulada *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*.

¹⁸ A numeração dos quadros segue a mesma da Dissertação. Os informantes estão divididos por faixa etária. As informações dentro de cada faixa etária indicam, nesta ordem, a identificação do informante (doravante **Inf.**, seguido do número do informante), o sexo (**H** para homem e **M** para mulher), a idade, a escolaridade (**A** para analfabeto e **S** para semi-analfabeto) e a permanência fora da comunidade (**V** para informante que passou algum tempo fora de sua localidade e **N** para informante que nunca viajou).

¹⁹ Para se identificar os informantes, nas exemplificações por comunidade, adota-se a sigla **HV** (Helvécia) e **CZ** (para Cinzento).

Os *corpora* estão constituídos de 24 inquéritos: 12 de Helvécia e 12 de Cinzento. Cada inquérito tem duração média de 40 minutos de gravação de fala vernácula. A amostragem foi separada por faixa etária (*cf.* Quadros acima) e divididos igualando o número entre homens e mulheres: faixa I (20 a 40 anos), com 8 informantes: 4H e 4M; faixa II (41 a 60), com 8 informantes: 4H e 4M; e faixa III (mais de 60), com 8 informantes: 4H e 4M. Os dados foram coletados diretamente dos entrevistados, através de entrevistas informais, com base no modelo sociolinguístico (LABOV, 1972, 1982, 1994). Os informantes que compuseram a amostragem preencheram os seguintes pré-requisitos: (a) ser nativo ou ser filho de falantes nativos; (b) ter vivido na localidade ao menos durante 3/4 de vida; (c) ter qualquer nível de escolaridade; (d) se tivesse escolaridade, que tivesse estudado na localidade; e (e) ter mais de 20 anos de idade.

5.2 O PROGRAMA *VARBRUL*²⁰

O pacote de programas de computador *VARBRUL* (*cf.* SANKOFF, 1988 e PINTZUK, 1988) foi desenvolvido para implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados linguísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da variação. Portanto, a contribuição do *VARBRUL* foi no sentido de oferecer resultados estatísticos que permitiram descrever e interpretar qualitativamente os dados coletados das comunidades de Helvécia e de Cinzento. Os programas, através de um modelo logístico, revelam o peso relativo²¹ dos principais fatores que (des)favorecem uma ou outra variante e selecionam os grupos de variáveis mais significativos.

5.3 AS VARIÁVEIS SELECIONADAS

Definiram-se as formas sintética e perifrástica (do futuro do presente) e a forma do presente do indicativo (com valor de futuro do presente) como **variáveis dependentes**, para analisar o fenômeno da variação da expressão do tempo futuro. A forma do futuro sintético, por ter representado um percentual irrelevante na amostragem (ver Tabela 2 abaixo), não foi considerada nas rodadas dos programas *VARBRUL*. Com a sua exclusão da análise, a variável dependente passou a ser binária.

Foram definidas nove **variáveis linguísticas**: 1. Tipo semântico do verbo principal. 2. Tipo de oração. 3. Tipo sintático do verbo principal. 4. Tipo de frase. 5. Distância temporal. 6. Presença e tipo de constituinte com valor temporal. 7. Modalidade. 8. Pessoa

²⁰ Os dados estatísticos levantados das investigações e dos resultados da Dissertação de Silva (2003) foram tratados com programas do pacote *VARBRUL*. De lá para cá, outras versões e ferramentas computacionais (como *GOLDVARB*, *SPSS* e, mais recentemente, *RBRUL*) estão sendo utilizadas (*cf.* GOMES, 2012, p. 259-72; e <http://www.danielezrajohnson.com/rbrul.html>).

²¹ A leitura do peso relativo procede da seguinte maneira: se der acima de .50, os resultados favorecem o uso da variante que se está aplicando na tabela para leitura (no caso deste artigo, a forma perifrástica); se der abaixo de .50, a favorecida vai ser a outra variante (a forma do presente) e, caso o resultado for igual a .50, a aplicação entre as duas é neutra.

gramatical do sujeito. 9. Caracterização mórfica do sujeito. Os tipos dessas variáveis envolveram, por um lado, aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos e, por outro lado, traços temporais, modais e aspectuais.

Quanto às **variáveis extralinguísticas** (sociais) foram selecionadas quatro: 1. Idade. 2. Sexo. 3. Nível de escolaridade²². 4. Permanência fora da comunidade²³.

6 APRESENTAÇÃO GERAL DOS RESULTADOS

O total de dados analisados foi distribuído como mostra a Tabela 2²⁴ abaixo (cf. SILVA, 2003, p. 96).

Forma perifrástica		Presente		Futuro do presente		TOTAL	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
450	55	354	43	16	2	820	100

Tabela 2 - Distribuição das formas variantes de futuro em Helvécia e em Cinzento, incluindo o futuro do presente.

Verificou-se que a forma perifrástica, com 450 dados, representou 55% da amostragem; a forma do presente, com 354 dados, realizou 43% das ocorrências; e a forma sintética (futuro do presente), com 16 dados, 2%.

A partir da observação dessas percentagens, percebeu-se que os falantes dos dialetos de Helvécia e de Cinzento apresentam praticamente duas alternativas para expressar o tempo futuro:

a. forma perifrástica

[...] aí falo, nom ó, o nenê **vai ficá** aqui, a senhora vai, mas amanhã a senhora vem, eu digo, tudo bem. (Inf. 7, HV)

É porque, às vez nós fala aquela falazinha agora qu'ele aprendê grava, quano ele aprendê as vez ele num **vai falá** aquela palavrinha num precisa gravá mais, né? (Inf. 4, CZ)

b. forma do presente

Ah! Antão, uma hora de nôte que a véia não tivé muito cansada e cum sono, nós **vai** lá oiá, viu? [RINDO] Aaai! Ela tá mei duentada. (Inf. 13, HV)

²² Dividido entre analfabetos e semianalfabetos.

²³ Dividido entre informante que nunca viajou (incluindo os que fizeram viagens bem curtas) e informante que já viajou (incluindo aqueles que se ausentaram pelo menos seis meses da localidade).

²⁴ A numeração das tabelas segue a mesma da Dissertação.

- Agora ININT' ah! É dezoito, é dezoito! Dezoito não, é vinte e um ano. Se jogá no... no juiz de menó, só **saí** com vinte e um ano! E ele... juiz de direito aqui, ó, que trabaia também lá dezoito ano ININT' (Inf. 20, HV)

Diante do número limitado de ocorrências, decidiu-se excluir da análise geral o futuro sintético. Por isso, construiu-se outra Tabela (3) (cf. SILVA, 2003, p. 96) só com as duas variantes.

Forma Perifrástica		Presente		TOTAL	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
450	56	354	44	804	100

Tabela 3 - Distribuição das duas formas variantes de futuro em Helvécia e em Cinzento.

Mantém-se, portanto, a prevalência da perífrase, com 56% das ocorrências, sobre o presente, com 44%, para indicação de acontecimento ou ação futura.

Por ser de fundamental importância para o estudo, a seguir, far-se-á uma análise dos grupos de fatores considerados pelo VARBRUL.

O Programa selecionou seis grupos de fatores como os mais significativos para explicar o fenômeno da variação estudado – quatro linguísticos e dois extralinguísticos, apresentados, a seguir, por ordem de significância. São eles: 1. Tipo semântico do verbo principal. 2. Tipo de oração. 3. Tipo sintático do verbo principal. 4. Nível de escolaridade. 5. Permanência fora da comunidade e 6. Tipo de frase. Incluiu-se um dos fatores não selecionados – *idade* – por ser de fundamental importância para o entendimento do processo da TLI.

a. tipo semântico do verbo principal

Hipóteses: o uso dos verbos estativos favorece a perífrase (**não confirmada**), enquanto o dos de movimento favorece o presente (**confirmada**).

O emprego de verbos declarativos (*dizer, informar, mostrar* e outros)²⁵ favoreceu o uso da perífrase com **.79** de peso relativo, enquanto o emprego dos não-estativos (=movimento/processos) (*correr, dançar, rolar, andar* e outros)²⁶ favoreceu o presente com **.22**.

b. tipo de oração

²⁵ “É, é pesado viu, eu não **vô dizê** pu senhô viu, ainda ganhano micharia [...] ganho apena dez mil.” (Inf. 1, HV)

²⁶ “Intão, o sinhô só **cai** pra trás, né?” (Inf. 1, HV)

Hipótese: emprego preferencialmente de perífrases em contextos de orações matrizes absolutas (**confirmada parcialmente**). Percebeu-se, ligeiramente, a preferência pela perífrase, com pesos relativos de **.57** (para as matrizes absolutas²⁷) e **.56** (para as subordinadas²⁸), atestando um uso muito frequente também da forma do presente.

No cruzamento entre os grupos “tipo semântico do verbo” e “tipo de oração”, constatou-se que não é o tipo de oração, mas o tipo de verbo que amplia o uso do presente, com frequência bastante alta para o verbo de movimento, como se percebe no esquema (cf. SILVA, 2003, p. 106) abaixo:

verbo declarativo e verbo intelectivo → + perífrase → na matriz e na subordinada
verbo de movimento → + presente → nos três tipos de orações

c. tipo sintático do verbo principal

Não se formulou hipótese para este fator. Os resultados obtidos revelam que o contexto que condiciona um uso maior da perífrase é com os verbos bitransitivos (*dar, dizer, falar, entregar* e outros)²⁹, com **.74** de peso relativo. A forma do presente é preferida nos contextos com os verbos intransitivos (*trabalhar, dançar, sair* e outros)³⁰, com **.38** de peso.

d. escolaridade

Hipótese: semi-alfabetizados empregando mais a forma perifrástica (**confirmada parcialmente**). Os resultados encontrados confirmam a hipótese, mas observou-se que não há um distanciamento significativo entre o uso da perífrase (peso relativo de **.56** para os semi-alfabetizados³¹) e do presente (**.45** para os não-alfabetizados³²), revelando, assim, que as duas formas são empregadas praticamente pelos dois níveis de escolaridade apresentados.

e. permanência fora da comunidade

²⁷ “Então, **vai tê** muito braço aí, né?” (Inf. 4, HV)

²⁸ “[...] eu garanto que ela não **vai ficá** como ela nasceu [...]” (Inf. 3, HV)

²⁹ “Ce cáí, e o sujeito ainda **vai fazê** gozação com você, NE?” (Inf. 1, HV)

³⁰ “Intão, o sinhô só **cái** pra trás, né?” (Inf. 1, HV)

³¹ “Que é essa que **vai vim** depois de amanhã, num tem aula pra nós, só pra nós do Raul.” (Inf. 7, CZ)

³² “[...] só se eles mandá faz, se num mandá, eles num **faz**...ou Poções, ou Pra...Prana...Conquista, mas eles é que manda.” (Inf. 9, CZ)

Hipótese: influências externas podem influir no comportamento linguístico de uma comunidade (**não confirmada**). A partir dos resultados – peso relativo de **.46** para os informantes que saíram da comunidade e **.62** para aqueles que nunca saíram – constatou-se que os informantes que nunca saíram da comunidade é que usam mais a forma perifrástica³³, contrariando, assim, a hipótese levantada.

f. tipo de frase

Hipótese: contextos negativos favorecem o uso da forma do presente (**confirmada ligeiramente**). Os resultados verificados confirmam, ligeiramente, a proposta apresentada. Observou-se que os contextos negativos favoreceram o uso da forma do presente³⁴ com **.41** de peso relativo. Os contextos interrogativos foram os grandes favorecedores do emprego da perífrase com **.69**.

g. idade

Hipótese: perífrase mais frequente na fala dos mais jovens (**confirmada**). Apesar de não ser selecionado pelo VARBRUL como significativo para explicar a variação em foco, este fator mostrou-se importante para a pesquisa pelos resultados obtidos quando se fez o cruzamento com o fator “nível de escolaridade”. Antes do cruzamento dos grupos, concluiu-se que os falantes da faixa I empregam mais a perífrase (peso relativo de **.66**). Os resultados referentes às faixas II e III (respectivamente, pesos de **.46** e **.45**), apesar de se aproximarem da marca de **.50**, dão uma visão de indícios de mudança em progresso por que passa os dialetos em estudo. Ou seja, os falantes mais velhos da amostragem empregam a forma do presente, como a senhora Ana Isidora, de 107 anos³⁵. Entretanto, observou-se também que os mais velhos empregam, em grande quantidade, a perífrase. Assim, os jovens usam mais a perífrase do que os mais velhos usam o presente.

No cruzamento dos grupos (*nível de escolaridade* com *idade*), a situação de uma mudança em progresso pode ser entendida também com o seguinte esquema (cf. SILVA, 2003, p. 115):

faixa III	→	não-alfabetizados	→	+ presente
faixa III	→	semi-alfabetizados	→	+ presente
faixa II	→	não-alfabetizados	→	+ presente
faixa II	→	semi-alfabetizados	→	+ perífrase

³³ “É, tão de féra agora, mah **vai retorná** aula agora dia vinte de feverero.” (Inf. 4, HV)

³⁴ “[...] tinha vez as colegas chamava, falava, ah não **vô** não, hoje não to com vontade, imhora dormi [...]” (Inf. 7, HV).

³⁵ “[...] Risos, pá caminha, eu num quero ir não [...] se eu caminha um tiquizim, assunta, ali assim, na casa de Dário, num **volto** não, ININT eles me carrega.” (Inf. 11, CZ)

faixa I → semi-alfabetizados → + perífrase

Assim, constata-se tal situação se se considerar o postulado de Tarallo (1999, 65): “Se [...] o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso[...]”. A escala crescente – da faixa III a I – de usos da perífrase pode ser vista como o crescimento do uso da variante mais “inovadora”.

7 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

6.1 A FORMA PERIFRÁSTICA

A perífrase é mais frequente nos *corpora*, embora a diferença entre o seu percentual e o da forma do presente não se mostre muito distante. A pouca diferença demonstra que as duas comunidades ainda apresentam indícios de “inovação”, ao mesmo tempo em que conservam as formas historicamente mais usadas. A preferência pela perífrase verbal foi observada na grande maioria dos contextos apresentados nos seis grupos de fatores selecionados. Isso demonstra o crescimento gradativo dessa forma, estabelecendo-se como uma das formas variantes de futuro em expansão no português rural afro-brasileiro de Helvécia e de Cinzento, concorrendo com o presente. O fato de ela ser mais usada pela faixa etária mais jovem das populações traz em si as evidências de uma forma “inovadora”.

7.2 A FORMA DO PRESENTE

A pesquisa constatou que o ambiente favorável ao emprego do presente com valor de futuro do presente são as situações em que aparecem os verbos não-estativos relacionados a movimento³⁶, seguidas dos contextos de orações matrizes vinculadas às orações subordinadas. Verificou-se, diante disso, que é uma forma de futuro empregada em contextos mais específicos.

Os resultados do fator “idade” indicam que, em pelo menos duas gerações, a forma do presente vinha se mantendo em relativa estabilidade. Entretanto, a geração mais jovem, representada pela faixa I, mostra um processo de ampliação de uso da perífrase, com peso relativo de .66. Isso evidencia tendências de uma mudança em progresso, uma vez que a cada geração diminui a frequência da variante na forma do presente e aumenta a frequência da variante concorrente – a perífrase. Ou seja, **parece que as comunidades passam por um processo de mudança em progresso a favor do futuro perifrástico.**

³⁶ O verbo *ir*, como verbo de movimento, foi o principal responsável pelo número alto de ocorrências, aparecendo, principalmente, na forma *vai*. Ele, como intransitivo, também contribui, de maneira muito consistente, para favorecer o uso do presente.

7.3 A FORMA SINTÉTICA

Só foram registradas dezesseis ocorrências do futuro do presente, confirmando que, no português brasileiro contemporâneo e, em particular, no português falado, está acontecendo um acentuado desuso dessa forma. Nos *corpora*, apareceram somente as formas *será*³⁷, seguida de *que* (14 vezes), *dirá* (1 vez) e *ajudarei* (1).

8 CONCLUSÕES GERAIS

Quanto às hipóteses levantadas – *deriva* ou TLI – para explicar a realização da forma da perífrase e a do presente do indicativo para marcar o evento futuro em Helvécia e em Cinzento, a única certeza observada no estudo de Silva (2003) é que as duas apontam para resultados semelhantes: o uso preferencial da perífrase verbal.

Entretanto, a pesquisa pode esclarecer que o contato entre línguas foi, evidentemente, o fator decisivo para constatar um aprendizado imperfeito do português proveniente de uma transmissão irregular. Assim, analisa-se esse fenômeno de variação como resultante de processo de redução de morfologia flexional do verbo – um fenômeno marcado pelo contato do português com as línguas africanas (e indígenas), durante o processo de aquisição/nativização das formas de futuro.

O fator “idade” foi esclarecedor quando apontou para o favorecimento de uma análise do fenômeno estudado a favor de uma TLI, pelo fato de o estudo ter mostrado que os jovens empregam mais a perífrase, enquanto os mais velhos empregam mais o presente, que é a forma não-marcada, revelando que os falantes dessa faixa etária tendem a conservar traços arcaizantes em seu dialeto, enquanto os mais jovens tendem a “inovar”, com a constatação de uma mudança aquisicional da forma perifrástica, mais marcada. Daí, a ideia de uma mudança “descrioulizante”. Pressupõe-se, portanto, um passado em que predominavam as formas não-marcadas do presente, ou seja, em que as gerações mais velhas ainda mantivessem, em seu dialeto, as formas do futuro que, historicamente, mais se empregava – a forma do presente.

Assim, diante das análises, chega-se às seguintes conclusões: as duas formas variantes representam o futuro do presente, sendo que (a) a perífrase passa a ser variante *default*, ocupando o espaço do futuro sintético da norma padrão, e (b) o presente é uma outra opção, que sempre existiu na história da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

³⁷ [...] *ai eu fiquei pensano, eu falei, assim, é será que isso não é pecado você ficou operano pa não te filho* (Inf. 3, HV).

- ALMEIDA, João de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.
- AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. São Paulo: Casa Editora O Livro, 1920.
- BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Portugal: Porto, 1994.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Revista Estudos linguísticos e literários*, n. 19, p. 65-84, mar. 1997.
- BYBEE, Joan; DAHL, Östen. The creation of tense and aspect system in the languages of the world. *Revista Studies in Language*, n. 13-1, p. 51-103, jan. 1989.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 11.ed. 12. tiragem. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- DUARTE, Inês Silva. Mecanismos de construção proposicional e de referência. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 3.ed. Lisboa: Caminho, 1992.
- GOMES, Cristina Abreu. Para além de pacotes estatísticos VARBRUL/GOLDVARB e RBRUL: qual a concepção de gramática? *Revista do GELNE*, v. 14, número especial, p. 259-72, 2012.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amesterdan: John Benjamins, 1982.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROßE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus. (Eds.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998.

LUCCHESI, Dante. A variação na concordância de gênero em dialetos despidginizantes e descrioulizantes do português do Brasil. In: ZIMMERMANN, Klaus. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madrid: Ibero- Americana, 1999a.

LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. *Revista A Cor das Letras*, n.13, p. 73-100, dez. 1999b.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira*: novos elementos sobre a formação do português do Brasil. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000) (The two great trends of Brazilian Sociolinguistic history (1500-2000). *Revista D E L T A*, n. 17, p. 97-130, jan. 2001.

MARROQUIM, Mario. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1989.

MAURER JR., T. Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

PINTZUK, Suzan. *VARBRUL programs*. University of Michigan. Mimeo, 1988.

POPLACK, Shana, TURPIN, Danielle. O *futur* tem futuro no francês (canadense)*?**. Tradução de Marina R. A. Augusto e Ana Paula Scher. *Revista Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 36, p. 17-46, jan/jun. 1999.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Nobert; MATTHEIR, Klauss (Eds.). *Sociolinguistics*. New York: Academic Press, 1988.

SAPIR, Edward. *A linguagem*: introdução ao estudo da fala. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr.. Rio de Janeiro: Biblioteca Científica Brasileira, 1954.

SILVA, Deijair Ferreira da. O futuro *em Helvécia e em Cinzento*: um estudo do uso das formas perifrásticas e simples, no português rural afro-brasileiro. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Presença/INL, 1979.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

TEYSSIER, Paul. *Manual de língua portuguesa*. Tradução de Margarida Chorão de Carvalho. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1989.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento linguístico do dialeto rural-MG*. Belo Horizonte: UFMG/PROED. Dissertação de Mestrado, 1982.

Recebido em: 02/05/2017

Aprovado em: 08/08/2017

Publicado em: 01/12/2017